



**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAMETRO
CURSO DE FARMÁCIA**

**ALESSANDRA DOS SANTOS SARAIVA
ANNE THAÍS DE FREITAS MOTA**

**PARÂMETROS ACERCA DA PRÁTICA DA AUTOMEDICAÇÃO EM CRIANÇAS
COM DOENÇAS RESPIRATÓRIAS AGUDAS: UMA REVISÃO DE LITERATURA.**

**FORTALEZA
2023**

ALESSANDRA DOS SANTOS SARAIVA

ANNE THAÍS DE FREITAS MOTA

PARÂMETROS ACERCA DA PRÁTICA DA AUTOMEDICAÇÃO EM CRIANÇAS
COM DOENÇAS RESPIRATÓRIAS AGUDAS: UMA REVISÃO DE LITERATURA.

Artigo TCC apresentado ao curso de Bacharel em Farmácia do Centro Universitário Fametro – UNIFAMETRO – como requisito para a obtenção do grau de bacharel, sob a orientação da prof^a. Dra. Aline Holanda da Silva.

FORTALEZA

2023

ALESSANDRA DOS SANTOS SARAIVA
ANNE THAÍS DE FREITAS MOTA

PARÂMETROS ACERCA DA PRÁTICA DA AUTOMEDICAÇÃO EM CRIANÇAS
COM DOENÇAS RESPIRATÓRIAS AGUDAS: UMA REVISÃO DE LITERATURA.

Artigo TCC 2 apresentado no dia 13 de junho de 2023 como requisito para a obtenção do grau de bacharel em Farmácia do Centro Universitário Fametro – UNIFAMETRO – tendo sido aprovado pela banca examinadora composta pelos professores abaixo:

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Aline Holanda da Silva
Orientadora – Centro Universitário Fametro

Prof^a. Dra. Andréa Bessa Teixeira
Membro - Centro Universitário Fametro

Prof^a. Dra. Julia Aparecida Lourenço de Souza
Membro - Centro Universitário Fametro

Acima de tudo, dedicamos a Deus por mais esta realização. Aos nossos pais e à professora Aline Holanda pela colaboração durante o desenvolvimento deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus pelo dom da vida, pela proteção e por nos guiar à conclusão de mais uma preciosa etapa de nossas vidas.

Aos nossos pais que sempre incentivaram para buscarmos as melhores realizações, por toda dedicação ao longo da vida e principalmente durante os anos de graduação.

Aos amigos e familiares que sempre incentivaram para que pudéssemos alcançar nossas metas.

A nossa professora orientadora Aline Holanda, que nos ajudou com muita dedicação durante a realização deste trabalho.

A todos que diretamente ou indiretamente contribuíram para a concretização dessa conquista, muito obrigada!

Ninguém é tão grande que não possa aprender, nem tão pequeno que não possa ensinar. Esopo.

PARÂMETROS ACERCA DA PRÁTICA DA AUTOMEDICAÇÃO EM CRIANÇAS COM DOENÇAS RESPIRATÓRIAS AGUDAS: UMA REVISÃO DE LITERATURA.

Alessandra dos Santos Saraiva¹

Anne Thaís de Freitas Mota¹

Aline Holanda da Silva²

RESUMO

As doenças respiratórias agudas são uma das principais causas de morbidade e mortalidade infantil, essas acometem as crianças várias vezes durante o ano. As doenças devem ser tratadas com bastante cautela, visto que existem poucos estudos sobre o uso de medicamentos no público infantil. É notório que a maioria dos responsáveis pelos infantes praticam a automedicação, facilitando o uso indiscriminado de medicamentos que pode gerar consequências significativas. O objetivo do trabalho é identificar fatores associados à automedicação em crianças com doenças respiratórias agudas. Trata-se de uma revisão de literatura do tipo integrativa, os dados foram obtidos por meio das bases de dados, Biblioteca Eletrônica Científico Online (Scielo), Pubmed e portal da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS). Foram incluídos artigos na língua inglesa e portuguesa, publicados no ano de 2018 a 2023. Foram utilizados 11 artigos para a realização deste estudo. As mães com menor escolaridade e casadas representam a maior quantidade dos responsáveis pela automedicação. O fator referente à autoconfiança em relação aos sinais e sintomas foi o mais prevalente. Medicamentos Isentos de Prescrição (MIPs) foram os mais utilizados, seguido dos antibióticos. Muitos estudos se assemelham aos resultados encontrados. Nota-se que orientar os pais sobre o uso racional dos medicamentos é fundamental e também necessita-se de uma maior fiscalização na dispensação dos antibióticos, em virtude de que esses medicamentos causam resistência bacteriana e outras complicações.

Palavras-chave: Automedicação. Crianças pré-escolares. Doenças respiratórias. Medicamentos. Crianças. Fatores de risco.

¹ Graduanda do curso de Farmácia pelo Centro Universitário Fametro – UNIFAMETRO.

² Prof^a. Orientadora do curso de Farmácia do Centro Universitário Fametro – UNIFAMETRO.

ABSTRACT

Acute respiratory diseases are one of the main causes of morbidity and mortality in children, which affect children several times during the year. The diseases must be treated with great caution, as there are few studies on the use of drugs in children. It is well known that the majority of those responsible for infants practice self-medication, facilitating the indiscriminate use of medications that can have significant consequences. The aim of this study is to identify factors associated with self-medication in children with acute respiratory diseases. This is an integrative literature review, data were obtained through the databases, Online Scientific Electronic Library (Scielo), Pubmed and the Virtual Health Library (VHL) portal. Articles in English and Portuguese, published between 2018 and 2023, were included. Eleven articles were used to carry out this study. Mothers with less education and married represent the largest number of those responsible for self-medication. The factor referring to self-confidence in relation to the signs and symptoms was the most prevalent. Over-the-counter medications (OTC) were the most used, followed by antibiotics. Many studies are similar to the results found. It is noted that guiding parents about the rational use of medications is fundamental and also requires greater supervision in the dispensing of antibiotics, as these medications cause bacterial resistance and other complications.

Keywords: Self-medication. Preschool children. Respiratory diseases. Medicines. Children. Risk factors.

1 INTRODUÇÃO

As Infecções Respiratórias Agudas (IRAs) possuem relevância nos dados epidemiológicos, pois correspondem a uma das principais causas de morbidade e mortalidade infantil. Variados casos de IRAs decorrem nos primeiros meses e anos de vida (HOWARD et al., 2022). Essas acometem as crianças em uma frequência de 4-6 vezes por ano, podendo evoluir para infecção do parênquima pulmonar, e conseqüentemente progredir para óbito (SOUZA, 2022).

As principais infecções respiratórias que acometem as crianças são causadas pelo Vírus Sincicial Respiratório (VSR), podendo causar bronquiolite e pneumonias (BRASIL, 2022). Para tratar essas doenças é necessário cautela, visto que, por razões econômicas, éticas e legais, existe uma delimitação nos estudos sobre os efeitos de medicamentos no organismo da criança (MEDEIROS; OLIVEIRA, 2020). Diante desse cenário, os profissionais da saúde devem utilizar as melhores evidências científicas disponíveis associadas com a experiência clínica para a melhor tomada de decisão, essa abordagem é conhecida como prática baseada em evidências (SCHNEIDER; PEREIRA; FERRAZ, 2020).

De acordo com protocolos, diretrizes, livros e artigos científicos, o tratamento das principais doenças respiratórias agudas consiste de forma geral em: repouso, hidratação, alimentação balanceada, lavagem nasal e uso de analgésicos e antitérmicos. O uso de ácido acetilsalicílico, descongestionante nasal tópico, anti-histamínicos, corticoterapia oral, pastilhas para garganta, analgésicos tópicos como sprays de garganta e uso de sprays de lidocaína a 2%, não são recomendados em crianças pelo risco de efeitos colaterais não superarem os benefícios (RODRIGUES *et al.*, 2020; CANDIANI *et al.*, 2021; ARAÚJO, 2022).

Em suma, todos os medicamentos possuem efeitos colaterais e seu uso indiscriminado pode acarretar em mais malefícios do que benefícios para a saúde, por isso é fundamental que as pessoas sejam consultadas por um profissional de saúde antes de consumirem qualquer fármaco e assim, será determinado o melhor tratamento para cada caso (COSTA et al., 2022). Silva (2021) menciona os analgésicos, antitérmicos, anti-inflamatórios, descongestionantes nasais, antibióticos e anti-helmínticos, como as classes medicamentosas mais utilizadas na prática da automedicação.

O termo automedicação se refere à utilização de medicamentos sem a orientação ou prescrição de um profissional da área da saúde (SANTOS et al., 2022). Diante disso, é importante destacar que a automedicação traz riscos à saúde, como o diagnóstico tardio ou incorreto, pois o uso indiscriminado de medicamentos é capaz de mascarar os sintomas e isso possibilita agravos a doença, ocasiona efeitos colaterais graves, reações alérgicas, intoxicação medicamentosa, dentre outros, conforme cita Matos et al. (2018). Além disso, existe o risco do uso inadequado de antimicrobianos, podendo progredir a outro grave problema de saúde pública, a resistência bacteriana, e na maioria das vezes esses fármacos são utilizados de forma desnecessária em crianças menores de cinco anos, já que geralmente as IRAs nessa faixa etária são virais (LANYERO et al., 2020).

Mundialmente, estudos apontam aumento da automedicação pediátrica. Relacionada a essa prática, destaca-se a cultura, economia e política como fatores associados a essa problemática. Desde o perfil referente à idade dos responsáveis por praticar a automedicação até a aquisição dos medicamentos, como por exemplo a influência de outros indivíduos, são fatos que ocorrem e contribuem para o uso de medicamentos de forma indiscriminada (TARCIUC et al., 2020).

A automedicação para tratar as IRAs em crianças é uma prática persistente entre os seus responsáveis que desconhecem os malefícios para a saúde e acabam colocando a vida em risco, justificando assim a elaboração deste estudo. Diante disso, o presente trabalho teve por objetivo identificar os fatores associados à automedicação em crianças com doenças respiratórias agudas, ocasionada pelos responsáveis, por meio de informações presentes na literatura científica, através da busca de estudos relacionados a essa temática e os seus desfechos.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura do tipo integrativa, cuja busca e seleção da literatura científica iniciou-se em fevereiro de 2023 visando responder a seguinte pergunta de partida: "Quais os fatores associados à automedicação em crianças com doenças respiratórias agudas?". Desse modo, o estudo teve como

população os artigos primários com realização de pesquisa de campo e que tinham relação com o objeto de estudo definido.

Foram incluídos artigos científicos publicados no ano de 2018 a 2023, ou seja, artigos publicados nos últimos 5 anos, a fim de se obter dados atualizados neste estudo. Também foram incluídos artigos nos idiomas de inglês e português e que tinham os seguintes critérios: Descrevem o perfil dos participantes da pesquisa, descrevem os medicamentos e/ou as classes farmacológicas mais utilizadas na automedicação em crianças com doenças respiratórias agudas e possuem conteúdo relacionado ao tema "Fatores associados à automedicação em crianças com doenças respiratórias agudas. Foram excluídos artigos de revisão de literatura (narrativa, sistemática e integrativa), artigos incompletos, pagos, duplicados, e que não respondiam a pergunta de partida estabelecida.

Foi realizada a busca nas seguintes bases de dados: Biblioteca Eletrônica Científico Online (SciELO), Pubmed e portal da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS). Os descritores em Ciências da Saúde utilizados para a busca foram fundamentados pelo Centro Latino-Americano e do Caribe de Informações em Ciências da Saúde (BIREME), sendo eles: Automedicação, crianças pré-escolares, doenças respiratórias, medicamentos, crianças e fatores de risco. Associados aos descritores, foram utilizadas combinações na língua portuguesa e inglesa. O operador booleano utilizado foi o "and" na língua inglesa.

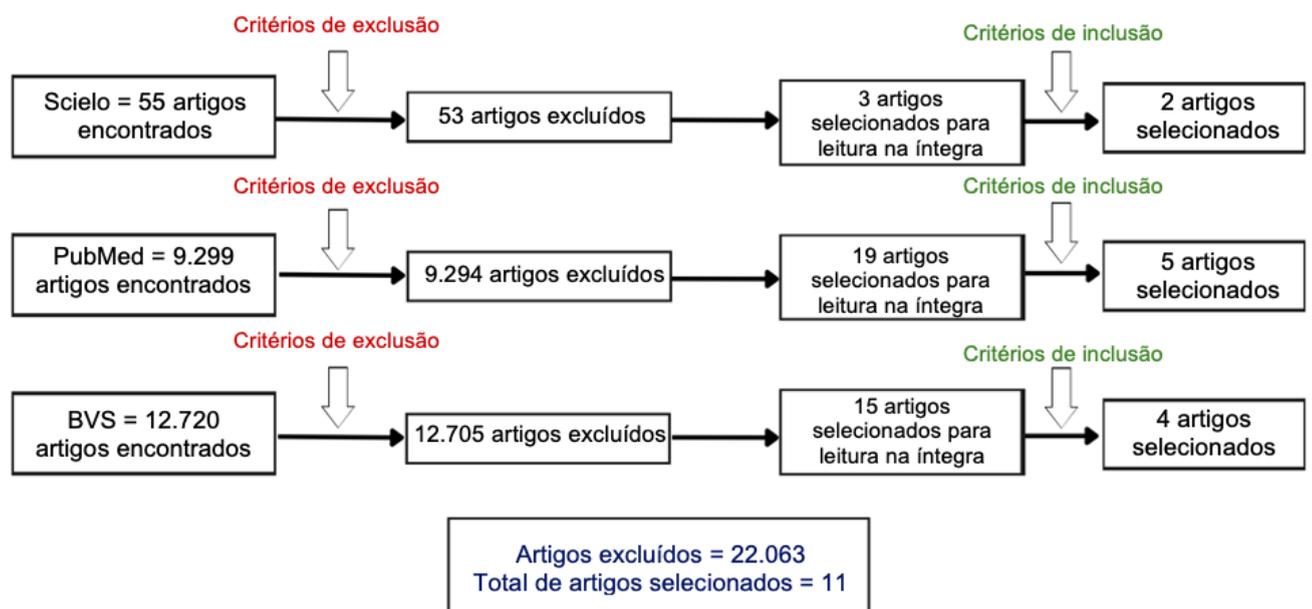
As variáveis que envolvem a pesquisa são: Título do artigo, autor, ano, local de publicação, perfil predominante dos responsáveis pela automedicação, fatores associados à automedicação e medicamentos ou classes medicamentosas presentes no estudo. Os dados foram selecionados e armazenados em uma planilha do programa Microsoft Excel e posteriormente foi elaborado um quadro para análise e comparação dos resultados.

Esse estudo não foi submetido ao comitê de ética em pesquisa nos termos da resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466, de 12 de dezembro de 2012, por se tratar de uma revisão de literatura com fontes de dados abertas sem envolvimento de pessoas. Apesar disso, esse trabalho segue as normas éticas de pesquisa. Os pesquisadores declaram não haver conflito de interesse.

3 RESULTADOS

Os resultados do estudo foram obtidos por meio de busca nas bases de dados scielo, pubmed e BVS. Foram encontrados 22.074 artigos através da combinação dos descritores definidos. Após isso, foram excluídos 22.037 pelos critérios de exclusão. 37 estudos foram designados para leitura na íntegra, e após essa leitura foram selecionados 11 artigos através dos critérios de inclusão. Na figura 1, foi definido o fluxograma de seleção dos estudos para melhor evidenciar a metodologia utilizada:

Figura 1: Fluxograma de exclusão e inclusão dos artigos



Fonte: Elaboração própria

No quadro 1, encontra-se a caracterização dos artigos incluídos nesta revisão de literatura de acordo com título, autor/ano, país de publicação, perfil predominante dos responsáveis, fatores e medicamentos associados à automedicação.

Quadro 1: Artigos selecionados para o estudo.

Título	Autor/Ano	Local	Perfil predominante dos responsáveis pela automedicação	Fatores associados à automedicação	Medicamentos ou Classes farmacológicas
Uso de medicamentos em crianças de zero a cinco anos de idade residentes no município de Tubarão, Santa Catarina.	MANIERO et al. 2018	Brasil	Mãe que possui remuneração, de baixa escolaridade, com companheiro e outros filhos.	Reutilização de antigas prescrições.	Paracetamol Ibuprofeno <i>Hedera helix</i> Dipirona Amoxicilina

Título	Autor/Ano	Local	Perfil predominante dos responsáveis pela automedicação	Fatores associados à automedicação	Medicamentos ou Classes farmacológicas
Uso de antibióticos para infecções do trato respiratório superior entre crianças na zona rural de Anhui: apresentações de crianças, gerenciamento de cuidadores e implicações para políticas de saúde pública.	CHENG et al., 2019	China	Cuidadores do sexo feminino, idade 51-60 anos, escolaridade menor (0 até 6 anos de escolaridade), avós e família ≥ 4 membros.	Sobra de medicamentos e acesso a medicamentos de venda livre, inclusive antibióticos.	Antibióticos.
Prevalência de automedicação para infecções respiratórias agudas em crianças pequenas na Namíbia: resultados e implicações	KAMATI, GODMAN, KIBUULE. 2019	Namíbia	Mulheres que vivem em barracos e trabalham por conta própria.	Autoconfiança em relação aos sinais e sintomas e difícil acesso ao hospital.	Irritantes e preparações com mentol Antipiréticos Ervas inaladas Medicamentos para resfriado Xaropes para tosse
Estudo da prevalência de automedicação em crianças que consultaram por infecção respiratória aguda e doença diarreica aguda em uma clínica universitária.	PERES et al. 2020	Colômbia	Pai e mãe da zona urbana, com formação secundária, técnica e profissional.	Uso prévio de medicamentos prescritos por um médico, percepção de demora em emergências, atraso na consulta, recomendação de outra pessoa.	Paracetamol Ibuprofeno
Padrões e fatores associados à automedicação entre a população pediátrica na Romênia	TARCIUC et al. 2020	Romênia	Mulheres urbanas casadas com ensino superior ou pós-graduação	Serviços de saúde de difícil acesso, falta de tempo, familiarização com os sintomas.	Analgésicos Antitussígenos
Uso de automedicação pediátrica em Ruanda - Um estudo transversal.	UKWISHAKA et al., 2020	Ruanda	Mães, casadas, com status econômico baixo e médio, com idade maior que 30 anos.	Autoconfiança em relação aos sinais e sintomas, sobra de medicamentos e acesso a medicamentos de venda livre.	Paracetamol, xarope antitussígeno, Ibuprofeno.
Pesquisa em larga escala do uso de antibióticos parentais para infecções pediátricas do trato respiratório superior na China: implicações para programas de administração e políticas nacionais.	LIN et al., 2021	China	Pais (pai e mãe), ensino médio ou abaixo dessa escolaridade, renda familiar maior que 5000, cidade natal da maioria era zona urbana.	Conselhos de familiares e manutenção de antibióticos em casa para a possibilidade de um possível resfriado.	Antibióticos
Fatores e práticas associadas à automedicação de crianças entre pais mexicanos.	ALONSO-CASTRO et al. 2022	México	Mães acima de 35 anos, com dois ou mais filhos e ensino médio completo.	Percepção dos sintomas como não graves, reaproveitamento de sobras de medicamentos em casa.	VapoRub Paracetamol Camomila Aine's Mel
Fatores associados à automedicação de antibióticos por cuidadores em pacientes pediátricos atendidos no departamento de emergência: um estudo de caso-controle	CRUZ et al. 2022	Colômbia	Mães com níveis educacionais mais baixos, vivendo em áreas urbanas	Autoconfiança em relação aos sinais e sintomas; experiência no tratamento de patologias anteriores nos filhos mais velhos; dificuldade no acesso aos cuidados de saúde (falta de tempo ou dinheiro).	Amoxicilina Aзитromicina Cefalexina

Título	Autor/Ano	Local	Perfil predominante dos responsáveis pela automedicação	Fatores associados à automedicação	Medicamentos ou Classes farmacológicas
Tratamentos não prescritos para infecções na infância: um estudo de questionário austríaco, monocêntrico e transversal	GERLITZ et al., 2022	Viena	A maioria dos pais (pai e mãe) concluíram o ensino superior. Idade entre 19 e 53 anos.	Recomendação de amigos e familiares, conselhos de farmacêuticos, internet e outras fontes (outros médicos e literatura).	Xarope de cebola caseiro
Uso de medicamentos de venda livre entre pais na Arábia Saudita.	MIRDAD et al. 2023	Arábia Saudita	Mães, casadas, e que possuem emprego.	Informações de médicos de família, farmacêuticos comunitários, internet/redes sociais e amigos/familiares.	Paracetamol Ibuprofeno Loratadina Desloratadina

Fonte: Elaboração própria.

4 DISCUSSÃO

Neste trabalho buscou-se identificar os fatores que estavam relacionados com a automedicação em crianças, sendo assim, identificar o perfil dos responsáveis e os medicamentos que estavam relacionados a essa prática. A identificação de condições que favorecem a automedicação podem impulsionar o desenvolvimento de medidas estratégicas a fim de diminuir índices dessa ação que atualmente é persistente no âmbito social.

Entre os 11 artigos selecionados, 8 indicam que a mãe é a principal responsável pela automedicação em crianças, esse resultado condiz com o que aponta uma pesquisa realizada pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF, 2019), a frequência do uso de medicamentos sem prescrição é maior no público feminino. Além disso, tradicionalmente o papel da mãe se trata de cuidar da saúde da criança, nutrição, educação etc (Duborija-Kovačević et al., 2020).

Neste estudo, foi detectado que os responsáveis que possuíam escolaridade maior, ou seja, ensino superior, automedicaram menos os seus filhos, quando comparados com aqueles que tinham baixa escolaridade e ensino médio completo. Contrariamente, um estudo realizado na China constatou que a maioria dos responsáveis por esse ato eram pais com ensino superior, representando cerca de 53,8% dos dados referentes ao nível de escolaridade e a maioria deles residiam na zona urbana (YAN et al., 2023). Essa discrepância pode se dar pelo fato de que são regiões geográficas distintas, com culturas diferentes. Santos et al. (2022),

justifica que quanto maior a escolaridade, mais os responsáveis se sentem aptos e seguros para automedicarem as suas crianças; por outro lado, Yuan et al. (2022), afirma que pais com maior escolaridade estão mais conscientes da importância da segurança dos medicamentos e por isso, eles automedicam menos as crianças do que pais com menor escolaridade.

Referindo-se ao espaço geográfico de onde se localizavam os responsáveis pela automedicação, os achados no presente estudo revelam que os pertencentes a zona urbana praticavam a ação em maior número. Na China, os residentes na zona urbana também eram os responsáveis em superioridade aos níveis de automedicação, a zona urbana apresentava 58,7% da totalidade e a zona rural, apenas 41,3% (YAN et al., 2023). É importante ressaltar que residir na zona urbana pode favorecer a compra de medicamentos devido o acesso às farmácias ser mais próximo, tornando fácil a aquisição dos produtos.

Pessoas casadas também efetuaram a automedicação com mais constância. Dado semelhante foi verificado no estudo que revela o fato da maioria dos cuidadores responsáveis pela automedicação serem casados (GE et al., 2021). Foi observado que o perfil o qual inclui ter dois ou mais filhos pode favorecer a autoadministração de medicamentos em crianças pelos pais. Tal informação pode ser entendida pelo fato de que a experiência ao lidar com outras crianças gera conhecimento sobre os medicamentos utilizados anteriormente, ou seja, a experiência pregressa com o filho pode proporcionar confiança e influenciar na automedicação (AL-SALEH; HAMMOUR; HAMMOUR, 2019).

Para ocorrer a automedicação persiste a presença de fatores que facilitam e motivam este ato, fica evidente no estudo que o principal fator para ocorrência dessa prática é a autoconfiança dos pais em relação aos sinais e sintomas apresentados pelos filhos, isso inclui a experiência previamente do responsável com o medicamento, permitindo considerar uma condição leve. Em conformidade com uma pesquisa realizada na China, após análise dos comportamentos domiciliares, foi revelado que a autoadministração em crianças possui quantidade maior de execução quando se baseia pela experiência pessoal passada, ou seja, é favorecida pela autoconfiança gerada pela experiência. Ainda foi visto que sugestões de outras pessoas, tais como amigos e familiares também influenciam na automedicação, conforme detectado no presente estudo (ZHONG et

al.,2021).

Outra motivação para o uso indiscriminado de medicamentos em crianças, que foi relatada nas pesquisas, é a aquisição deles de forma facilitada nas farmácias. Cerca de 35% da compra de medicamentos é para a prática da automedicação, sendo justificável pela obtenção facilitada, sem exigência de prescrição médica (KLEIN et al., 2020). Em contrapartida, o acesso aos serviços de saúde é precário, corroborando também para essa prática. De acordo com Vicari, Lago e Bulgarelli (2022), existem barreiras geográficas, organizacionais, financeiras e culturais que podem interferir no acesso à saúde, sendo assim, somente ofertar um conjunto de serviços não vai garantir o acesso a eles. Dentre as principais dificuldades, estão a distância entre as residências e as unidades da saúde, ausência de transportes, demora no atendimento, superlotação, além do desinteresse dos profissionais (Silva et al., 2018).

O reaproveitamento de sobras de medicamentos e reutilização de antigas prescrições são fatores que favorecem a automedicação em crianças, sendo visto neste estudo sua contribuição para essa prática. Em concordância com a afirmativa, em um estudo executado no Ceará, a utilização de sobras de medicamentos e reutilização de prescrições anteriores também ocorrem de forma significativa (LIMA et al., 2019). Dessa forma, torna-se importante a aplicação da resolução N° 20 de 5 de maio de 2011 pelos profissionais da saúde, em que a mesma dispõe inclusive do controle na dispensação dos antibióticos, conseqüentemente, a efetivação dessa prática favorece na redução de perigos à saúde dos indivíduos.

Ao analisar as classes e medicamentos mais utilizados na automedicação em crianças para tratar as IRAS, os analgésicos/antipiréticos prevaleceram nos artigos encontrados, dentre eles os mais utilizados e conhecidos comercialmente são: dipirona, paracetamol e ibuprofeno; Um achado semelhante ao de um estudo anterior de Matos et al., 2018 que justifica esse resultado pela facilidade de aquisição dessas classes farmacológicas, visto que, são medicamentos isentos de prescrição (MIPs), disponíveis em drogarias e até mesmo em supermercados.

Os antibióticos foram a segunda classe de medicamentos mais utilizados. Em um estudo realizado no ano de 2020 em Gulu, a maioria das crianças que apresentavam sintomas de IRAs foram tratadas com antibacterianos, sendo a amoxicilina o mais utilizado. O aumento crescente na utilização de antibióticos

determina a resistência bacteriana tornando-se um problema de saúde pública. Complicações no quadro clínico do indivíduo, aumento de gastos financeiros e até mesmo a mortalidade são as complicações possíveis de ocorrer quando não existe precaução com o uso de antibióticos (LANYERO et al., 2020). Torna-se preocupante essa classe de medicamentos possuírem altos índices na automedicação, visto que estes necessitam de prescrição médica. Na China, os antibióticos também exigem regulamentação, mas ainda existe a compra destes nas farmácias comunitárias para autoadministração. Além disso, os cuidadores utilizavam sobras de antibióticos que mantinham em casa (CHANG et al., 2018).

Fica evidente que os demais medicamentos frequentemente utilizados na autoadministração são os MIPS, sendo eles: antitussígenos, fitoterápicos, descongestionantes e anti-histamínicos. Apesar desses medicamentos possuírem baixo potencial de interações medicamentosas e poucas ameaças de toxicidade, é necessário que estes apresentem baixo risco ao paciente, tornando evidente a importância da prudência ao fazer o uso destes. A fim de prevenir complicações, deve-se evitar concentrações mais altas (BRASIL, 2020). Segundo a Academia Americana de Pediatria (2019) vários estudos comprovam que os medicamentos de venda livre para tosse ou resfriado são ineficazes em crianças menores de 6 anos, e podem causar graves efeitos colaterais, por isso não são recomendados e não devem ser administrados.

Levando em consideração os resultados dessa pesquisa, considera-se que o farmacêutico tem papel fundamental na intervenção da prática de automedicação em crianças com IRAs. Juntamente com uma equipe multidisciplinar, é necessário discutir e propor estratégias que facilitem e melhorem o acesso aos serviços de saúde, além da dispensação de medicamentos de acordo com a prescrição médica e conscientização dos responsáveis sobre os riscos do uso indiscriminado de medicamentos para a saúde da criança.

Este estudo contribuiu para a identificação dos principais fatores que influenciam o uso de medicações sem prescrição médica em crianças com doenças respiratórias agudas, visto que o uso de medicamentos sem a orientação de um profissional qualificado pode causar problemas graves e até a morte. Obteve-se como limitação deste artigo a escassez de estudos que tratam esse tema. Existem poucos estudos atuais realizados com crianças, tornando limitadas as

comparações dos resultados em diferentes âmbitos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na realização deste estudo, foi possível concluir que as mães, com menor escolaridade são as principais responsáveis pela automedicação em crianças. Ter 2 ou mais filhos também é um fator que aumenta a possibilidade de administrar medicamentos de forma irracional em infantes. Foi observado que, a área em que os indivíduos moravam contribuía para o ato, dessa forma tornou-se perceptível que residentes na zona urbana eram aqueles que mais automedicavam.

Diferentes fatores favorecem a ocorrência da automedicação em crianças com IRAs. A autoconfiança dos pais foi o mais recorrente, os mesmos podem acreditar que seja uma condição simples podendo ser tratada em casa. Sugestões de outras pessoas, facilidade no acesso às farmácias, dificuldade no acesso aos serviços de saúde, reaproveitamento de prescrições antigas e experiências anteriores com outros filhos foram os principais motivos detectados no estudo.

Ficou explícito que os MIPs foram os medicamentos mais utilizados. Os analgésicos/antitérmicos apresentaram-se com maior frequência. O uso de antibióticos na automedicação foi prevalente no estudo, tornando-se preocupante, visto que, os mesmos necessitam de prescrição médica. A aquisição nas farmácias e utilização de sobras dos medicamentos pode ser o motivo de sua utilização. Em vista disso, é necessário maior restrição por parte dos profissionais que dispensam tais medicamentos e uma melhor fiscalização da retenção de receitas nas farmácias em cumprimento da resolução nº 44 da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária).

Desse modo, torna-se evidente que a orientação do profissional farmacêutico é imprescindível, realizando orientações aos responsáveis quanto a utilização correta dos medicamentos, sejam os MIPs e também os antibióticos, visto que estes são os mais utilizados na automedicação em crianças com IRAs.

Educar os pais e responsáveis é uma medida importante, com o intuito de alertar para os perigos da automedicação objetivando maior segurança das crianças. Dessa forma, conclui-se que a identificação dos fatores associados ao uso irracional de medicamentos em pueris com IRAs, propicia a redução dos mesmos

por parte da equipe multiprofissional, diminuindo os riscos à saúde infantil.

REFERÊNCIAS

Academia Americana de Pediatria. Cómo tratar el resfriado o la influenza (gripe) de su hijo. HealthyChildren, 2019. Disponível em: <https://www.healthychildren.org/Spanish/health-issues/conditions/flu/Paginas/caring-for-Your-childs-cold-or-flu.aspx>. Acesso em: 19 maio. 2023.

ALONSO-CASTRO, Angel Josabad *et al.* Factors and Practices Associated with Self-Medicating Children among Mexican Parents. **Pharmaceuticals**, México, 29 ago. 2022.

AL-SALEH, Samar; HAMMOUR, Khawla Abu; HAMMOUR, Walid Abu. Influencing factors of knowledge, attitude, and practice regarding antibiotic use in children with upper respiratory tract infections in Dubai. **Journal of Evaluation in Clinical Practice**. p.4-6, 2019.

ARAÚJO, Rafael Sousa. Infecção respiratória alta em crianças (IVAS). **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, São Paulo, v. 8, ed. 5, p. 509-521, maio. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Medicamentos isentos de prescrição, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde alerta para prevenção de bronquiolite e pneumonia em crianças, 2022.

BRASIL. Sociedade brasileira de pediatria. Diretriz de atualização no tratamento e prevenção da infecção pelo vírus influenza, 2020.

BRASIL. Sus-BH. Protocolo colaborativo manejo da faringoamigdalite bacteriana aguda na criança e no adolescente, 2021.

CHANG, Jie *et al.* Non-prescription use of antibiotics among children in urban China: a cross-sectional survey of knowledge, attitudes, and practices. **Expert Review of Anti-infective Therapy**. p.1-9, 2018.

CHENG, Jing *et al.* Antibiotics use for upper respiratory tract infections among children in rural Anhui: children's presentations, caregivers' management, and implications for public health policy. **Journal of Public Health Policy**. 23 jan. 2019.

CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA. Quase metade dos brasileiros que usaram medicamentos nos últimos seis meses se automedicou até uma vez por mês, 2019. Disponível em: <https://www.cff.org.br/noticia.php?id=5267>. Acesso em: 11 maio. 2022.

COSTA, Jonathan Silva *et al.* Automedicação. **Scientific Electronic Archives**, v. 15, ed. 9, p. 60-65, set. 2022.

CRUZ, Jhon Camacho *et al.* Factors associated with self-medication of antibiotics by caregivers in pediatric patients attending the emergency department: a case-control study. **BMC Pediatrics**, Colômbia, 1 set. 2022.

DUBORIJA-KOVACEVIC, NATASA *et al.* Maternal education, health profession and cigarette smoking are decisive factors for self-medication in children by parents. **Acta Pharm.**, v. 70, ed. 2, p. 249-257, 1 jun. 2020.

GE, Jingjing *et al.* Factors associated with self-medication in children and the decomposition of rural-urban disparities in China. **BMC Public Health**. p.1-11, 2021.

GERLITZ, Matthias *et al.* Non-prescription treatments for childhood infections: an Austrian, monocentric, cross-sectional questionnaire study. **BMC Pediatrics**. p.1-9, 24 mar.2022.

HOWARD, Leigh M. *et al.* Assessing the Impact of Acute Respiratory Illnesses on the Risk of Subsequent Respiratory Illness. **The Journal of Infectious Diseases**. p. 42-49, 2022.

KAMATI, Monika; GODMAN, Brian; KIBUULE, Dan. Prevalence of Self-Medication for Acute Respiratory Infections in Young Children in Namibia: Findings and Implications. **J Res Pharm Pract**, Namíbia, v. 8, p. 220-224, 27 dez. 2019.

KLEIN, Kassiely *et al.* Automedicação em crianças de zero a cinco anos: práticas de seus cuidadores/familiares. **Research, Society and Development**, v. 9, ed. 7, 24 maio 2020.

LANYERO, Hindum *et al.* Use of antibacterials in the management of symptoms of acute respiratory tract infections among children under five years in Gulu, northern Uganda: Prevalence and determinants. **Plos one**, v. 15, ed. 6, p. 1-14, 23 jun. 2020.

LIMA, M.F.P. *et al.* A prática da automedicação em criança por pais e responsáveis. **HOLOS**, v.5, ed. 5120, 2019.

LIN, Leesa *et al.* Large-scale survey of parental antibiotic use for pediatric upper respiratory tract infections in China: implications for stewardship programmes and national policy. **Elsevier Ltd and International Journal of Antimicrobial Agents**. 6 fev. 2021.

MANIERO, Hellen Karoline *et al.* Uso de medicamentos em crianças de zero a cinco anos de idade residentes no município de tubarão, Santa Catarina. **Rev. paul. pediatr.**, v. 36, ed. 4, p. 437-444, out/dez 2018.

MATOS, Januária Fonseca *et al.* Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante. **Cad. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 26, ed. 1, p. 76-83, 2018.

MEDEIROS, Iris Anunciação dos Anjos; OLIVEIRA, Fernando Sousa. Farmacoterapia pediátrica: As particularidades da utilização de fármacos em pediatria. **Revista Saúde & Ciência Online**, v. 9, ed. 3, p. 117-133, 2020.

MIRDA, Ola A. *et al.* Over-the-Counter Medication Use among Parents in Saudi Arabia. **Int. J. Environ. Res. Public Health**, Arábia Saudita, v. 20, ed. 2, 10 jan. 2023.

PÉREZ, Sergio Agudelo *et al.* Estudio de prevalencia de automedicacion en niños que consultan por infeccion respiratoria aguda y enfermedad diarreica aguda a una clínica universitaria. **Salud Uninort**, Barranquilla (Col.), v. 36, ed. 1, p. 46-61, jan/abr 2020.

SANTOS, Erisvania Rosa da Cruz *et al.* Automedicação pediátrica: consequências para a saúde em decorrência dessa prática. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, São Paulo, v. 8, ed. 5, p. 2466–2476, maio 2022.

SCHNEIDER, Luana Roberta; PEREIRA, Rui Pedro Gomes; FERRAZ, Lucimare. Prática Baseada em Evidências e a análise sociocultural na Atenção Primária. **Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 30, ed. 2, p. 1-18, 28 out. 2020.

SILVA, Jessica Gama da *et al.* A prática da automedicação em crianças por seus pais: Atuação da enfermagem. **Revista de enfermagem UFPE online**. Recife, 12(6):1570-7, jun. 2018.

SILVA, Lucas Patrick Alves. Riscos da automedicação: uma breve revisão bibliográfica. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, ed. 12, p. 12552-112560, dez 2021.

SOUZA, Edna Lúcia Santos de *et al.* Pneumonias comunitárias. In: SILVA, Luciana Rodrigues *et al.* (Org.). **Tratado de pediatria**. Barueri: Editora Manole, 2022. p. 708-714.

TARCIUC, Petruta *et al.* Patterns and Factors Associated with Self-Medication among the Pediatric Population in Romania. **Medicina**. 56 (6), 312, 25 jun. 2020.

UKWISHAKA, Joyeuse *et al.* Pediatric self-medication use in Rwanda – a cross sectional study. **African Health Sciences**. Vol. 20, ed. 4, dez. 2020.

VICARI, Tais; LAGO, Luana Mesquita; BULGARELLI, Alexandre Fávero. Realidades das práticas da Estratégia Saúde da Família como forças instituintes do acesso aos serviços de saúde do SUS: uma perspectiva da Análise Institucional. **SAÚDE DEBATE**, Rio de Janeiro, v. 46, ed. 132, p. 135-147, jan/mar 2022.

YAN, Bo *et al.* The moderating effect of parental skills for antibiotic identification on the link between parental skills for antibiotic use and inappropriate antibiotic use for children in China. **BMC Public Health**. p. 2-9, 2023.

YUAN, Jing *et al.* Prevalence and Risk Factors of Self-Medication Among the Pediatric Population in China: A National Survey. **Front. Public Health**, v. 9, 9 fev. 2022.

ZHONG, Dongmei *et al.* A cross-sectional survey of family care behaviors for children with upper respiratory tract infections in China: Are there opportunities for improvement?. **Elsevier and Journal of Pediatric Nursing**. p.146–153, 2021.